

## X I X

### A INDEPENDENCIA

O movimento da emancipação percorria todos os departamentos de atividades politicas da patria, mas, por uma disposição natural, era no Rio de Janeiro, cerebro do país, que fervilhavam as idéias libertárias, incendiando todos os espiritos. Os mensageiros invisiveis desdobravam sua ação junto de todos os elementos, preparando a fase final do trabalho da independencia, através dos processos pacificos.

Todos os patriotas enxergavam no principe D. Pedro a figura maxima que deveria encarnar o papel de libertador do reino do Brasil. O principe, porém, considerando as tradições e laços de familia, hesitava ainda, antes de optar pela decisão suprema separando-se, em carater definitivo, da direção da metropole.

Conhecendo as ordens rigorosas da côrte de Lisbôa, que determinavam o immediato regresso de D. Pedro a Portugal, reúnem-se os



cariocas para as providencias possiveis de serem levadas a efeito, e uma representação com mais de oito mil assinaturas é levada ao principe regente, pelo Senado da Camara, acompanhado de numerosa multidão, em 9 de janeiro de 1822. D. Pedro, frente á massa de povo, sente a assistencia espiritual dos companheiros de Ismael que o incitam a completar a obra da emancipação politica da patria do Evangelho, recordando, simultaneamente, as palavras do pai no instante das suas despedidas. Aquele povo já posuia a consciencia da sua maioridade e nunca mais suportaria o retrocesso á vida colonial, integrado no patrimonio das suas conquistas e das suas liberdades. Não vacila mais, em face da realidade intuitiva e, após alguns minutos de angustiosa expectativa, o povo carioca recebia, através de José Clemente Pereira, a promessa formal do principe de que ficaria no Brasil, contra todas as determinações da corte de Lisboa, para o bem da coletividade e para a felicidade geral da nação. Estava assim proclamada a independencia do Brasil, com a sua audaciosa desobediencia ás determinações da metropole portuguesa.

Todo o Rio de Janeiro se enche de esperança e de alegria. Mas, as tropas fiéis á Lisboa resolvem normalizar a situação, ameaçando abrir luta com os brasileiros, afim de fazer valer as ordens da Corôa. Jorge Avilez, coman-



dante da divisão, faz constar, imediatamente, os seus propositos e, em 11 de janeiro, as tropas portuguesas ocupam o Morro do Castelo, que ficava a cavaleiro da cidade. Ameaçado de bombardeio, o povo carioca reúne as multidões de milicianos encorporando-os ás tropas brasileiras e localizando-se contra o inimigo no Campo de Santana. O perigo iminente faz tremer o coração fraterno da cidade. Não fôsse o auxílio do Alto, todos os propositos de paz teriam fracassado na pavorosa maré de ruína e de sangue. Ismael acode ao apêlo das mães desveladas e sofredoras, e, com o seu coração angelico e santificado, penetra as fortificações de Avilez, fazendo-lhe sentir o carater odioso das suas ameaças á população e a verdade é que, sem um tiro, o chefe português obedeceu, com humildade, á intimação do principe D. Pedro, capitulando a 13 de janeiro e retirando com as suas tropas para a outra margem da Guahabara, até que pudesse regressar com os seus, para Lisboa.

Os patriotas, daí por diante, já não pensam noutra cousa que não seja a organização politica do Brasil. Todas as camaras e nucleos culturais do país dirigem-se a D. Pedro em termos encomiasticos, louvando-lhe a generosidade e exaltando-lhe os meritos. Os homens eminentes da época, á cuja frente somos forçados a collocar a figura de José Bonifacio como a expres-



são culminante dos Andradas, auxiliam o príncipe regente, sugerindo-lhe medidas e providências necessárias. Chegando ao Rio nos instantes do grande triunfo do povo, após a memorável resolução do "Fico", José Bonifácio foi ministro do reino do Brasil e do Estrangeiro. O patriarca da independência adota as medidas políticas que a situação estava exigindo, inspirando, com êxito, o príncipe regente nos seus delicados encargos de governo.

Gonçalves Ledo, Frei Sampaio e José Clemente Pereira, paladinos da imprensa da época, foram igualmente grandes propulsores do movimento da opinião, concentrando as energias nacionais para a suprema afirmação da liberdade da pátria.

Todavia, se a ação desses abnegados condutores do povo se fazia sentir de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, o predomínio dos portugueses desde a Baía até o Amazonas representava sério obstáculo ao incremento e consolidação do ideal emancipacionista. O governo resolve contratar os serviços das tropas mercenárias de Lord Cochrane, o cavaleiro andante da liberdade da América Latina. Muitas lutas se travam nas costas baianas e verdadeiros sacrifícios são exigidos aos mensageiros de Ismael, que se desdobram em todos os sectores, com o objetivo de conciliar seus irmãos encarnados, dentro da harmonia e da paz, e com a fi-



nalidade de preservar a unidade territorial do Brasil, para que não se fragmentasse o coração geográfico do mundo.

A esse tempo, José Bonifácio aconselha a D. Pedro uma viagem a Minas Gerais, afim de unificar-se o sentimento geral em favor da independência, serenando a luta acerbada dos partidarismos. Em seguida, outra viagem com os mesmos objetivos, é realizada pelo príncipe regente a São Paulo. Os bandeirantes que, no Brasil, sempre caminharam na vanguarda da emancipação e da autonomia, recebem-no com o entusiasmo da sua paixão libertária e com a alegria da sua generosa hospitalidade; e, enquanto há música e flores nos teatros e nas ruas paulistas, comemorando o acontecimento, as falanges invisíveis reúnem-se no Colégio de Piratininga. O conclave espiritual se realiza sob a direção de Ismael, que deixa irradiar a luz misericordiosa do seu coração. Ali se encontram heróis das lutas maranhenses e pernambucanas, mineiros e paulistas, ouvindo-lhe a palavra cheia de ponderação e de ensinamentos. Terminando a sua alocução pontilhada de serena sabedoria, o mensageiro de Jesus sentenciou: —

— “A independência do Brasil, meus irmãos, já se encontra definitivamente proclamada... Desde 1808, ninguém pode negar ou retirar essa liberdade. A emancipação da pa-



tria do Evangelho consolidou-se, porém, com os fatos verificados nestes ultimos dias, e para não quebrarmos a fôrça dos costumes terrenos, escolheremos agora uma data que assinale aos pósteros essa liberdade indestrutivel."

E dirigindo-se ao Tiradentes, que allí se encontrava presente, rematou: —

— "O nosso irmão martirizado ha alguns anos pela grande causa, acompanhará D. Pedro em seu regresso ao Rio e ainda na terra generosa de São Paulo, auxiliará o seu coração no grito supremo da liberdade... Uniremos, assim, mais uma vez, as duas grandes oficinas do progresso da patria, para que sejam as elaboradoras do inesquecivel acontecimento nos fastos da historia... O brado da emancipação partiu das montanhas e deverá encontrar aqui o seu eco realizador. E agora, todos nós que nos reunimos aqui, no sagrado Collegio de Piratininga, elevemos a Deus o nosso coração em prece, pelo bem do Brasil..."

Dalí, do ambito silencioso daquelas paredes respeitaveis, saiu uma vibração nova de fraternidade e de amor.

Tiradentes acompanhou o principe nos seus dias faustosos, de volta ao Rio de Janeiro. Um correio providencial leva ao conhecimento de D. Pedro as novas imposições da côrte de Lisboa e ali mesmo, nas margens do Ypiranga, quando ninguem contava com essa última de-

claração do príncipe regente, D. Pedro deixa escapar o grito de "Independencia ou Morte!", sem suspeitar que era o docil instrumento de um emissário invisível, que velava pela grandeza da pátria.

Eis porque o Sete de Setembro, com escasos comentarios da historia official, que considerava a independencia já realizada nas proclamações de primeiro de agosto de 1822, passou á memoria da nacionalidade inteira como o dia da pátria e data inolvidavel da sua liberdade.

Esse fato, despercebido pela maioria dos estudiosos, representa a adesão intuitiva do povo aos elevados designios do mundo espirital.